



Mário Mendes de Moura

NA POEIRA DO TEMPO





Reservados todos os direitos, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em qualquer suporte, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO: *NA POEIRA DO TEMPO*
AUTOR: Mário Mendes de Moura
© 2021 4Estações Editora, Lda.

EDIÇÃO: Mário de Moura e Ione França
REVISÃO (DE ORIGINAL E PROVAS): Ana David
PAGINAÇÃO: Gráfica 99
DESIGN DE CAPA: Fátima Cândido

FOTOGRAFIA DA CAPA: © Cammeraydave/Dreamstime.com
© <https://www.pexels.com/pt-br/foto/painel-de-madeira-marrom-ao-lado-da-placa-de-concreto-269063/>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publito - Estúdio de Artes Gráficas, Lda.

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1.ª edição, setembro de 2021
ISBN: 978-989-9056-02-2
Dep. Legal: 482122/21



www.4estacoeseditora.pt

O VOO DO MILHAFRE

PARTO EM VIAGEM EM BUSCA DE UMA ANUNCIADA MIRAGEM. ATRAVESSO DEVAGAR O SOBERBO ALENTEJO DOMINADO pelos imensos sobreiros com enormes copas verde-escuro, plácidos, troncos castanhos-cinza, torcidos, angustiados. Alguns com o peito vermelho como que a protestar das feridas infligidas. Grandes manchas melancólicas de oliveiras em constante contraponto. Postam-se, por vezes, os sobreiros em fileiras na linha do horizonte como que guardiões daqueles imensos tapetes claros de feno perfumado e bordado por papoulas. À frente, fileiras ondulantes, ágeis, de giestas que choram calidamente um amarelo tranquilo e comovente. É um mundo com dimensões e personalidade diferentes das outras regiões portuguesas.

Ao avistar de longe Monsaraz logo capto o seu mistério e magia. Não é à toa que se vive quarenta anos num Brasil esotérico. Quanto mais me aproximo mais forte é a percepção desse magnetismo e apelo. Ao atravessar o portal de pedra tosca estou completamente rendido ao seu encanto, A muralha romana, altaneira e imponente, belíssima, envolve por completo a cidade num abraço ciclópico.

Chego quase ao mesmo tempo do crepúsculo. Rápido, ele tingiu tudo de um diáfano cinzento-azulado. Um vento fraco percorre o vale extenso, é um murmúrio. Suspeito que alguém dedilha uma tocata de Bach, ou não? De longe vêm vagos mugidos das vacas recolhendo-se, é como se fossem alegres



balões multicolores a dançar no ar. Adivinho risadas de crianças em sua perseguição.

Na tarde cai suavemente uma cortina ténue de azuis-escuros, como que lançada pelas asas das andorinhas que descrevem enigmáticas parábolas nos seus voos velozes. O silêncio vem de mansinho encontrar a solidão naquele canto, bastião da muralha milenar e soberana sobre o vale. Fico a olhar a melancolia do vale embelezado agora pela luz dourada do lento anoitecer. Os sinos da igreja da aldeia repicam fracos, espalhando nódoas mais escuras no espaço amarelado.

Pelo arco da muralha, a entrada lateral, entram vultos difusos – são os que nasceram e viveram nos últimos dois mil anos nesta aldeia medieval, tosca e sedutora. Silenciosos, lentos, mas decididos a rever aquelas pedras negras que tantas vezes pisaram no quotidiano, que os abrigaram das intempéries, que tão discreta e pacientemente escutaram os seus gemidos de amor e das dores. Não estão os que, apesar de aqui nascidos, morreram nos Brasis, nas Áfricas, por outros mundos estranhos, hostis e longínquos. É um exército sem oficiais, sem bandeiras, sem fanfarras. Entra no povoado e espalha-se pelas escassas ruelas. Em breve transformam-se em sombras difusas que se derramam pelas paredes, escorrem pelas gastas lajes do chão, penduram-se nos beirais preguiçosamente. Riem baixinho. Alguns transformam-se em estrelas que piscam e sorriem.

Não tarda a lua cheia a pratear as paredes caiadas, branquíssimas, a torre da igreja solitária, a iluminar fantasmagoricamente cães vadios, velhos e magros, e esquivos gatos. Oiço o choro de crianças famintas de todos os tempos, órfãos de pais ausentes e de tão problemático retorno. É um choro fraco que salta de pedra em pedra para esparramar-se finalmente a meus pés. Agacho-me e colho um seixo roliço, que me sorri branco e cândido.

Sopra agora uma aragem doce, carinhosa, como um afago toscos no rosto amado por mãos calejadas pelo trabalho rural.

Sim, também se amou aqui. Mas pergunto-me se a emoção e a palavra podem ter nesta singela aldeia a dimensão e o uso que lhe conferimos nas cidades onde vivemos, erguidas a esmo, espalhadas por esse mundo terrível, sem muralhas e sem fronteiras para o ódio e a inveja, a crueldade e o egoísmo.

Os dois velhos de preto e de rostos muito enrugados ainda se encontram sentados nas escadas da casa da Junta de Freguesia, como há horas. Os seus bonés puídos quase encostam, misturam o bafo. Falam de quê? Das suas vidas vazias? Dos filhos que se foram e não voltaram? Das lavouras ou de lobisomens? Das suas mulheres, aquelas lendárias figuras de negro, total e permanentemente vestidas com trajes de muitos séculos, que mostram timidamente as rugas profundas, maravilhosas, que sulcam os seus rostos onde nunca aflora um sorriso aberto, solto. Parecem imutáveis, são como que a forma corporal da pungente dor e absurdo da condição feminina neste mundo cruel. Elas trabalham silenciosa e abnegadamente na cozinha e no campo, sem reconhecimentos ou questionamentos.

Desde o Brasil que sabia que Monsaraz me esperava, que deveria conhecê-la, apesar de nunca na minha vida ter ouvido falar deste casario alentejano no alto de um monte. Mas nos últimos dias, curiosamente, várias pessoas me falaram, insistiram, que deveria visitar esta quase desabitada aldeia. Inexplicavelmente, pois ainda só estava de regresso há poucos dias e nem saíra de Lisboa. Quase tão estranho como eu decidir implodir toda uma vida no Brasil, cortar as fortes amarras e vir, quase à deriva, em busca de um porto seguro, que este nunca o foi para mim, se é que existe algum?

Adormeço exaurido, quase angustiado. Sinto-me frágil, temo estilhaçar-me em pedaços mil e imagino, ao mesmo tempo, como seria bom se cada um desses pedacinhos pudesse ter uma vida, vivida em lugares mil.





QUANDO COMECEI A ESCREVER ESTE LIVRO, PENSAVA ESCREVER SOBRE OS EPISÓDIOS BONS E MAUS, CURIOSOS ou divertidos, importantes e marcantes da minha longa vida de editor (sessenta e oito anos). Mas com o tempo saltaram à minha memória, e aos meus dedos, algumas cenas que nada têm a ver com a minha vida de editor mas sim com ela globalmente. Alguns textos revelam a minha trajetória editorial, outros apenas algo da minha vidinha.

Há 97 anos nasci em Lisboa em Campo de Ourique, sou o quarto filho de cinco irmãos. Desde jovem por amor à natureza e à vida ao ar livre, dediquei-me ao campismo com entusiasmo, e escrevi aos 22 anos, em 1946, *O Campismo na Vida Moderna*, editado pela Biblioteca Cosmos. Portanto há 75 anos.

Na Poeira do Tempo não é uma autobiografia, mas sim um livro de memórias apresentadas sob a forma de crónicas. O meu percurso foi moldado pela minha paixão por livros, por viagens e pela vida, num emaranhado do qual emergem hoje cenas marcantes para mim. As recordações são como as nuvens, aparecem subitamente num céu límpido, avolumam-se, por vezes desfazem-se em chuvas, outras somem na profundidade azul do céu. Nem umas nem outras respeitam previsões antecipadas, aparecem e desaparecem a seu bel prazer. O que está escrito, são apenas umas páginas soltas, crónicas de episódios da minha vida, adulteradas, involuntariamente ou não, pela ação mágica do filtro do nosso ego e da nossa consciência.



Não posso dizer se a minha trajetória de vida, foi ou não, moldada por ter sido um contestatário político e emigrante. Após a faculdade de Agronomia (em que cursei silvicultura) em 1949, em razão da minha militância antifascista no MUD Juvenil, emigrei para a Venezuela, depois para o Canadá até ir para o Brasil, aonde vivi cerca de 40 anos.

No Brasil com 29 anos(1953)publiquei como editor, na minha primeira editora, Andes, o primeiro livro *A Verdade Sobre a Guerra da Coreia*. No Brasil fui editor e proprietário da editora Fundo de Cultura, Páginas e Vértice.

De regresso a Portugal, criei em 1991, a Editora Pergaminho, Arte Plural e a Bico de Pena, e posteriormente a Vogais & Companhia. Editei ao longo de sessenta e oito anos mais de três mil títulos, milhões de exemplares. Em 2014 para comemorar os meus 90 anos criei a 4Estações Editora da qual sou o editor.

Em finais de 2008 e 2010, após a venda do grupo Pergaminho e Vogais & Cia., respetivamente, desfrutei de alguns anos sabáticos em viagens. Escrevi cinco títulos, *O Escultor de Almas* e *O Contador de Estórias*, editados pela 4Estações Editora. *O Homem que Perdeu a Sombra*, *O Roxo dos Jacarandás* e *A Paixão dos Suicidas* ainda no prelo. Três romances e dois livros de contos.

Os meus irmãos Rogério Moura e Rui Moura foram editores, Rogério com a Livros Horizonte e Rui com a editora Prelo.

Porém rolei como um seixo no leito de um rio de caudal forte. Talvez tenha sido isso que alisou a minha alma e a mente, de tal forma que agora revejo todos esses anos vividos, um a um, mês a mês, semana a semana, hora a hora, e acho que valeu a pena, que posso dizer, sem falsa modéstia, que plantei sonhos dos quais colhi os frutos.

MÁRIO MENDES DE MOURA

ÍNDICE

Portugal

1. PÁGINAS SOLTAS.....	9
2. FANTASIAS	13
3. ENCANTOS E DESENCANTOS DE UM EDITOR.....	19
4. ROSEBUD.....	22
5. CAMPO DE OURIQUE.....	36
6. MARIA AZEITONA.....	41
7. OS TRÊS MOSQUETEIROS.....	51
8. O CRIME DA LEITURA.....	59
9. MUD JUVENIL	63
10. OS SINOS DA SÉ DE LISBOA	68
11. O DIA DA VITÓRIA.....	73
12. PASSAPORTE PARA A LIBERDADE.....	76
13. FOGO SEM CHAMAS	82
14. O ADORÁVEL TEJO.....	87
15. A GRANDE DECISÃO	92
16. PARTIDA. A GRANDE AVENTURA.....	99



Venezuela e Canadá

1. OS VIZINHOS DA OLARIA	111
2. A CARPINTARIA	116
3. CARACAS.....	120
4. PERFUMES E CAMELOS	124
5. JAMAICA	132
6. AGÊNCIA «EL PROGRESO».....	137
7. RUE SAINT CATHERINE	143
8. DOCE AMIZADE.....	149
9. O NAVIO MARAVILHOSO	153

Brasil

1. A EXPOSIÇÃO	161
2. ARMISTÍCIO NA COREIA.....	170
3. DO AÇO AO PAPEL.....	178
4. TEATRO E CINEMA.....	183
5. CADERNOS DO NOSSO TEMPO	187
6. A VIAGEM A PASÁRGADA	191
7. FUNDO DE CULTURA	202
8. TERESÓPOLIS	210
9. O BENEMÉRITO ALVES	220
10. JAZZ E LITERATURA	225
11. EDITORA VÉRTICE	228

Portugal, o Regresso

1. O REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO	233
2. NOVOS RUMOS	238
3. SAUDADES DA <i>OLIVETTI</i>	244
4. O SEDIMENTO DAS MINHAS LEITURAS	248
5. LISBOA, MINHA LINDA E ESQUECIDA NAMORADA ...	251
6. NÃO HÁ QUEQUES EM MADRID	254
7. A CASA DOS HORRORES.....	260
8. AS TÚLIPAS DE AMESTERDÃO.....	264
9. O VOO DO MILHAFRE	271
10. DA VÃ GLÓRIA	277
11. A OUTRA FACE DO EDITOR	285
12. IMAGINÁRIOS GANHADORES.....	288
13. AS ZEBRAS DE LISBOA.....	294
14. O FUTURO DO LIVRO	300
15. O ÚLTIMO PARÁGRAFO.....	304



